



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Entre laranjinhas e serpentinas: grupos e sujeitos que compunham o carnaval feirense.

**Miranice Moreira da Silva. Mestranda do Curso de Pós-Graduação
Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba.
miranicem@gmail.com.br.**

Resumo:

As festas carnavalescas em Feira de Santana ocorrem desde o século XIX. As modalidades festivas em Feira de Santana desenvolveram-se do Entrudo passando pelo Carnaval à Micareta. O que se objetiva é identificar os elementos que compunham essa festa no período de 1930-1939, a fim de visualizar os conflitos, perceber suas transformações e significados. Os elementos festivos estão sempre carregados de significados e através deles é possível ler as relações estabelecidas. Para isso o uso como principal fonte o jornal Folha do Norte, pois este além de noticiar os acontecimentos festivos, era um dos organizadores e tinha interesses na construção festiva. Porém, o jornal folha do Norte aparece não apenas como uma fonte histórica, mas também como um objeto de estudo, pois além de noticiar era um grupo que organizava a festa, logo as suas notícias estão carregadas de significado e intencionalidades. Isso requer mais cuidado com a fonte do que o de costume, porém também a torna mais rica, pois constitui o depoimento de uma época.

Palavras-Chaves: Festas carnavalescas, Feira de Santana, significados.

As festas carnavalescas em Feira de Santana ocorrem desde o século XIX, do Entrudo à Micareta. O que se objetiva agora é identificar os elementos que compunham essa festa no

período de 1930-1939, a fim de visualizar a festa, e a partir de então, perceber suas transformações.

Podemos afirmar que a festa carnavalesca envolvia uma comissão organizadora que se encarregava da execução da festa, sobre que recaia a responsabilidade do evento festivo acontecer, isso incluía arrecadação financeira. O Jornal Folha do Norte dá esse indício em uma das suas reportagens: “*a comissão organizadora e executiva do tríduo da alegria está de parabéns pelo êxito de seu louvável empreendimento resultante de esforços titânicos a suprir a deficiência numérica*” (Folha do Norte, 1931, ano XXII, nº 1127) essa comissão era geralmente composta pelo o que os jornais noticiam como “cidadão de bem”.

Reginilde Santa Barbara, em sua dissertação de mestrado, na qual discute sociabilidade e conflitos entre as lavadeiras do Tanque da Nação em Feira de Santana, faz uma discussão sobre o carnaval da década de 1930 e faz uma ressalva sobre o caráter das comissões carnavalesca: “*nela(nos bailes) muitas vezes era esperada a presença de pessoas ‘ilustres’ da cidade, sendo que, em 1931, o festival foi dedicado às famílias feirenses*”(SANTA BARBARA, 2007, p.20). Nesse contexto família como um ideal de sociedade feirense desejosa de reprimir os aspectos populares contraditórios ao projeto modernista pensado para esse momento. Nessa proposta não se limita a implementação de tecnologia dos tempos modernos, ela também rege o comportamento das pessoas, no contexto da modernidade cria-se um novo perfil social, não é apenas o espaço do trabalho, que é modificado, o lazer e o lar como afirma Chalhoub (1986) são palco desses efeitos. Mas esse aspecto será mais bem discutido no capítulo seguinte, no qual trabalharemos os conflitos as ideologias políticas da Festa.

Ainda sobre as comissões é interessante neste momento perceber a presença feminina na festa de forma marcante, elas estavam envolvidas nas organizações e eram quase sempre “esposas ou parentes de líderes políticos, grandes comerciantes ou pecuaristas” (SANTA BARBARA, 2007, p.21).

Quanto ao espaço da festa, existiam dois espaços; o da rua e o da casa (clube, espaços fechados). Em Feira de Santana de 1930 existia a festa de rua organizada pelos cordões, o que hoje nos conhecemos como blocos, e as festas de clube, no período organizado pelas filarmônicas¹. Os jornais, em seus boletins, referenciam a dinâmica desses espaços, mesmo que sutilmente:

¹ Associações de músicos, que geralmente englobava as famílias pertencentes a uma elite política e econômica.

Domingo, segunda e terça-feira os carnavalescos vieram à rua, num complexo pandemônio. Deram notas alegres Os Duvidosos, As Melindrosas, Do Outro Planeta e outros grupos fogosos e esfusiantes. As Philarmonicas 25 de Março e Euterpe abriram os seus salões para realização de bailes a Phantasias (Folha Do Norte, 1934. ano VI, nº 281).

Em ambos os lugares podemos perceber os elementos modernizadores; nas ruas a introdução do automóvel que fazia parte dos desfiles como afirma o jornal já citado “*vários automóveis enfeitados deslizaram pelas ruas*” (Folha Do Norte, 1934. Ano VI nº 281). A essa altura, segundo Santa Barbara (2007), já existia em Feira de Santana um crescente aumento do número de automóveis, comprovado pelo estudo de Poppino (1968). Nos clubes realizavam-se os bailes de fantasias, que privilegiava o glamour europeu, lembrando um carnaval civilizado que se opunha ao entrudo, como se fosse representação do bárbaro. É interessante lembrar que nos anos 30 havia um ideal além do de civilidade, o de união do país, e o carnaval também estava nos planos desta construção de identidade, quando se propunha o Rio de Janeiro como modelo.

Poppino, em seu estudo sobre Feira de Santana faz uma discussão sobre desenvolvimento cultural expõem os sujeitos figurativos da festa: “*Todos os anos escolhia-se um rei Momo e elegia-se uma princesa para reinar sobre as festividades, das quais participavam, com vestimentas coloridas, grupos de tôdas as organizações sociais do município*” (POPPINO, 1968, p 289). O evento da escolha desses simples representantes do poder carnavalescos representava uma prévia dos festejos, geralmente essa escolha ocorria no espaço dos clubes e dentre a chamada sociedade feirense.

A simbologia desses personagens ilustram as notícias dos jornais com manchetes do tipo “*Vai Começar o Tríduo de Momo*” e “*Momo vem ahi!*”. O Momo, deus da alegria era vislumbrado como o representante da quebra do reinado do trabalho, como afirma Burke. Em seu texto *O Carnaval de Veneza*, nos séculos XVII e XVIII,

As leis suntuárias eram suspensas, e as cortesãs apareciam enfeitadas com jóias como se fossem rainhas. Apostas em público, normalmente proibidas, eram então permitidas (...) o Carnaval era o tempo do permitido, permitia-se não apenas comer e beber em demasia e abandonar-se aos atos sexuais antes da abstinência da quaresma, mas também realizar atos ritualizados de agressão (BURKE, 2005, p. 31).

E problematiza esse mito do carnaval, quais são os indivíduos poderiam dar-se ao luxo de se vestir como reis e rainhas e os espaços ocupados são realmente livres? Da Matta (1997) chama de calendário oficial. Porém, esse reinado “livre” traz consigo regras e um regulamento próprio, a depender do lugar; na rua existia um conjunto regras, e nos clubes outro. Nesse instante retomamos a análise do Antropólogo Da Matta quando analisa os espaços do carnaval como um reflexo complexo: “*o carnaval inventa seu espaço social que embora possa estar determinado, tem suas próprias regras, seguindo sua própria lógica*” (DA MATTA, 1997, p.88). Esse reflexo complexo significa dizer que em espaços que o carnaval ocupa tem uma ordem que independe da festa, o carnaval dentro da sua “anormalidade” da quebra dos acontecimentos formais se estabelece nesses espaços com sua dinâmica própria. Mas dizer isso não significa que estão desassociados, por exemplo, os espaços fechados, segundo Da Matta, se estabelecem relações familiares e de uma hierarquia já conhecida, na rua as relações e as hierarquias vão sendo construídas no decorrer da festa em um espaço de maior liberdade que o espaço da casa, aqui representado pelos clubes.

Os grupos que faziam parte dos festejos, como já foram mencionados os cordões e as filarmônicas. Entre os cordões destacamos “As Melindrosas”, cordão bastante comentado nos jornais, seguido pelos Filhos do Sol seus opositores inclusive quanto à posição social e econômico, Barbara (2007) faz uma discussão aprofundada sobre As Melindrosas em sua dissertação, ela discute o cordão para perceber a posição das lavadeiras do Tanque da Nação, o que quero perceber aqui é a disposição dos grupos na Festa.

“As Melindrosas”, diferente da realidade de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo - localidades onde representavam a classe média - representavam a participação das camadas subalternas, compostas por majoritariamente mulheres lavadeiras, negras, que ocupavam as ruas em 1929, encerrando suas atividades em 1952 por problemas financeiros. Nesse espaço da rua seu concorrente surge os “Filhos do Sol” composto por uma camada social intermediária, que não podiam fazer parte dos clubes. E “*essa população excluída (aqui representada pelas Melindrosas) e oprimida se concentrava nos subúrbios espalhados pela cidade, faria sua própria leitura desse processo de integração ao circuito*” (SANTA BARBARA, 2007, p.12).

Isso a princípio nos permite chegar a uma primeira conclusão: havia na cidade dos eixos carnavalescos, um denominado de periférico ou suburbano (comandado pelos grupos subalternos) e um central (organizado pela chamada sociedade feirense). Porém esse vocabulário “central” e “periférico” são termos que podem ganhar uma conotação de maior ou menor importância, um carnaval principal e um alternativo, como ainda hoje se costuma denominar de circuito oficial e os alternativos, por isso prefiro tratá-los como diferentes

modalidades carnavalescas, sem perder de vista os conflitos que geram essa separação de central e suburbano.

Segundo o Trabalho de Santa Barbara (2007), com base na consulta do livro de ata do clube, a forma de aquisição de verbas para o desfile vinha das atividades desenvolvidas fora dos festejos de Momo “*geralmente eram anunciado desde 1931, entre os grupos que faziam o Pregão, ou o Bando Anunciador*”.

Situação diferente ocorria nos clubes, a exemplo da Filarmônica Euterpe Feirense, que seus associados pagavam a mensalidade do clube², além das apresentações em eventos da cidade inclusive nas festas religiosas em especial a maior dela a Festa de Santana. Segundo o livro ata da Filarmônica, a associação foi fundada dezembro de 1921, consta:

Aos treze dias do mês de dezembro de 1921, nesta cidade à Rua Conselheiro Franco nº 100 presente seleta multidão de adeptos, (?) a presidência provisória Dr. Mario Ferreira Ramos e disse que haviam reunido para fundação da Sociedade Philarmonica nesta cidade (Livro de Ata de Assembleia Geral da Filarmônica Euterpe Feirense nº1, p 1.).

Quando se definem como grupo seletos pode perceber a formação de uma identidade que parte da negação do popular. Dentre os membros da diretoria encontramos Augusto Fróis da Motta, membro de uma das famílias mais importantes da cidade economicamente.

Essa breve retomada da construção dos grupos carnavalescos se faz para que possamos compreender o lugar social desses grupos, de onde eles falam, e dessa forma nos instrumentalizar para pensar os conflitos e as organizações da festa, percebê-la como histórica porque é uma construção processual.

Um aspecto importante no fazer carnavalesco do período aqui estudado foi a maciça contribuição da imprensa, sobretudo o Jornal Folha do Norte, que tinha seus editores envolvidos na organização da Festa. Em seu noticiário apresentava a festa como essencial à dinâmica feirense, conceituando o carnaval como o momento alto da sociedade: “*o carnaval é uma festa civilizadora necessária até do ponto de vista psicologico; é uma grande válvula de segurança*” (Folha Do Norte, 1931, nº 1126, ano XXII). Dentro da perspectiva civilizadora, a negação do que era popular se faz presente na omissão das origens, do lugar social das Melindrosas, sempre mencionadas, mas nunca não as identifica como mulheres negras e lavadeiras, como bem observa Santa Barbara (2007), apesar de terem o espaço na festa.

² Essa informação consta detalhadamente nos livros de registro da Euterpe Feirense, em sua sede.

E esse discurso do jornal servia para justificar a existência da festa, divulgada em grandes proporções entre os feirenses a fim de criar uma identificação com a festa e forjar um ideal carnavalesco. Um dado é a omissão das origens das “Melindrosas”, não que isso fosse essencial para a festa, mas em todas as reportagens do período recorta-se dos clubes o seu lugar social, e omitir que esse era um grupo de mulheres negras e lavadeiras reduziam os conflitos da festa apenas a luta pelo título de vencedores do carnaval, e não se podia visualizar apenas com a leitura dos periódicos os conflitos sociais. Há também nessa imprensa o argumento justificativo sobre os benefícios econômicos incentivando assim a participação dos comerciantes no patrocínio da festa, que discutiremos mais adiante.

Tratar das comissões, as modalidades carnavalescas: cordões e filarmônicas, a figura do Momo, rei da alegria, princesas, o papel da imprensa na divulgação e valorização da festa, são elementos que construíram o cenário festivo de Feira de Santana na década de 30, que eram elaborados por sujeitos de diversos setores sociais e econômicos, isso tornam Festa mais um espaço onde suas relações e conflitos são travados.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Hélder. **31 anos de Micareta**. Feira de Santana-Ba UEFS, 1965.

ALMEIDA, Jaime. **Uma teoria da festa**. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de. CABRAL, Otávio, ARAÚJO, Zezito (orgs). **O negro e a construção do carnaval no Nordeste**. Maceió: EDUFAL, 1996.

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Carnaval e carnavais**. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de. CABRAL, Otávio, ARAÚJO, Zezito (orgs). **O negro e a construção do carnaval no Nordeste**. Maceió: EDUFAL, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto de François Rebelais**. São Paulo: HUCIREC. Brasília: 1993.

BATISTA, Sylvania Maria. **Conflitos e comunhão na festa da padroeira em Feira de Santana**. Feira de Santana: UFES, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

BRITO, Sandra. **O carnaval e o mundo burguês**. Revista da Faculdade de Letra HITÓRIA, Porto, III série. Vol. 6, PP. 313-338, 2005.

BURKE, Peter. **O carnaval de Veneza**. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras F(r)estas**. Campinas SP: UNICAMP, 2005.

CARVALHO, Cristina, SILVA, Gustavo. **Carnaval, Mercado e diferenciação Social**. Universidade de Coimbra. VII Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais (2004).

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Portugal. Difel. 1990.

COUTO, Edilece Sousa. **Festejar os santos em Salvador: tentativas de reformar e civilização dos costumes (1850-1930)**. In: BELLINI, Lígia, SAMPAIO, Gabriela R., SALES SOUZA, Evergton (org.). **Formas de crer. Ensaios de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro** (sécs. XIV-XXI). Salvador: Corruptio/Edufba, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia: uma história social do carnaval Carioca entre v1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

GODI, Antônio Jorge Vítor dos Santos. **Hermenêutica, Mistérios E Estéticas Carnavalescas**. In: Humanas: revista do Departamento de ciências Humanas e Filosofia - UEFS – Ano 1, nº1 (jan/junho. 2002) –Feira de Santana: UEFS, 2002.

LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Cecult, 2001.

MATTA, Roberto Da. **Carnaval, Malandros e Heróis: para uma sociologia do carnaval brasileiro**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

POPPINO, Rollie E. Feira de Santana. Editora Itapuã, Salvador-BA 1968.

REIS, João José. **Tambores e tremores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX**. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras F(r)estas**. Campinas SP: UNICAMP, 2005.

SANTA BARBARA, Reginilde Rodrigues. **O caminho da Autonomia na conquista da dignidade: sociabilidade e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana (1929-1964)**. Dissertação de mestrado UFBA. Janeiro/2007.

SCHURMANN, Ernest. F. **A música como linguagem: uma abordagem histórica**. São Paulo. Editora Brasiliense. 1989.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: ÁTICA, 1986.

SEVECENKO, Nicolau. **A inserção Compulsória do Brasil na Belle Époque**. In: **Literatura como missão**. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Aldo José Moraes. **De terra sã a berço da Micareta: estratégias constitutivas da identidade social em Feira de Santana**. Revista de História Regional. 104-133, Inverno, 2008.

FONTES

FOLHA DO NORTE. 1931. ANO XXII, nº. 1125
FOLHA DO NORT, 1931, nº 1126. ANO XXII
FOLHA DO NORTE 1931. ANO XXII nº 1127
FOLHA DO NORTE 1932. ANO XXIII; Nº1178
FOLHA DO NORTE, 1934. ANO VI nº 281
FOLHA DO NORTE, 1935. ANO XXVI nº1338
FOLHA DO NORTE, 1938. ANO XXIX. Nº 1500.P 01
FOLHA DO NORTE, 1938. ANO XXIX. Nº 1501
FOLHA DO NORTE 1938. ANOXXIX. Nº 1502. P 01
FOLHA DO NORTE. 1938. ANO. XXIX. Nº 1561
FOLHA DO NORTE, 1939. ANO XXX Nº1545.
FOLHA DO NORTE, 1939. ANO XXX, Nº. 1546
LIVRO ATA DE ASSEMBLÉIA GERAL DA FILARMÔNICA EUTERPE FEIRENSE
PANORAMA DA BAHIA, ANO 4 Nº80 1987
LIVRO DE TOMBO DA CATEDRAL DE SANTANA 1930-1968